

Philip FEARNSIDE

‘É UMA PERSPECTIVA real a temperatura de Manaus CHEGAR A 50°’

Segundo cientista mais citado no mundo na área de aquecimento global, conforme o Instituto de Informações Científicas (Thomson-ISI), o americano Philip Fearnside tem como base a cidade de Manaus, além de ser pesquisador titular do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). Há mais de 40 anos, ele estuda problemas ambientais na Amazônia brasileira, inclusive já morou 2 anos na rodovia Transamazônica. Graduado em Biologia pela Universidade do Colorado e com mestrado em Zoologia pela Universidade de Michigan e doutorado em Ciências Biológicas, também por Michigan, Fearnside vem promovendo desde 1992 a captação do valor dos serviços ambientais da Floresta Amazônica como forma de desenvolvimento sustentável para as populações rurais na região.



FOTOS: ARQUIVO EM TEMPO



VIDEO



Assista à matéria completa aqui

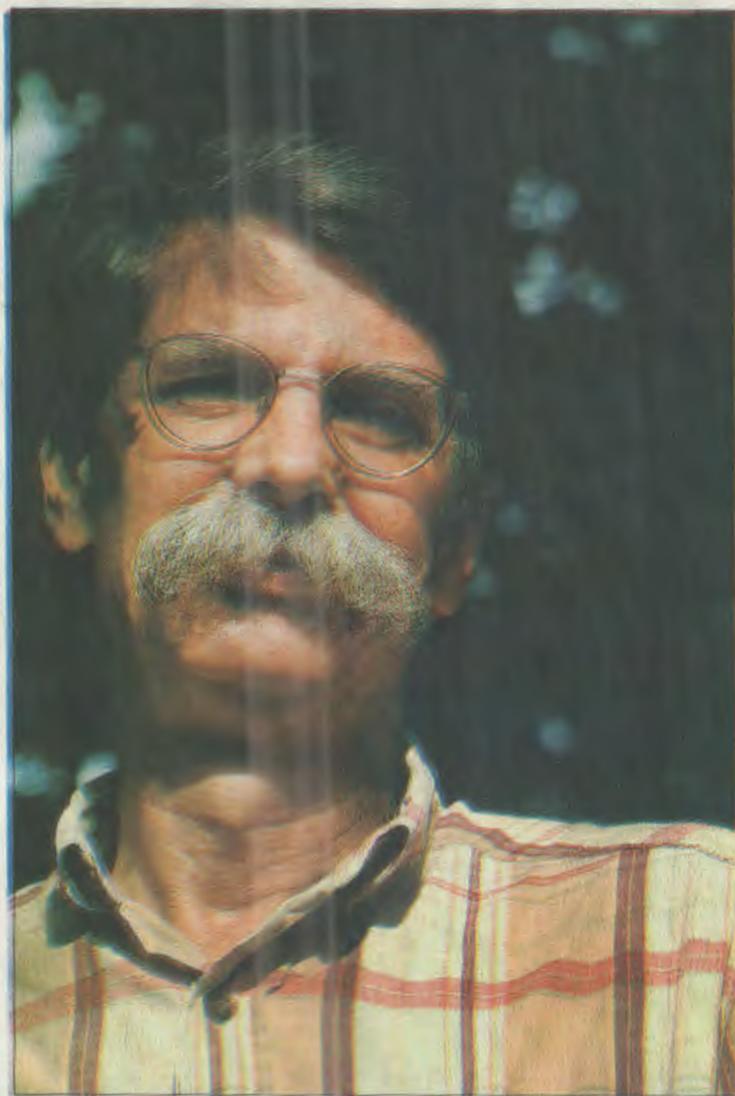


Patrocínio



00 99203-6366
00 96204-1111

Essa diferença em ar acima de nós é um dos principais fatores que explicam a diferença de temperatura entre lá e aqui. E, à medida que o ar vai esquentando, a temperatura aumenta. Hoje já temos picos de temperaturas de 40° em Manaus. Já imaginou chegarmos a 50°? E essa é uma perspectiva real. E isso afeta diretamente a possibilidade da vida humana”



EM TEMPO – O que é real e o que é mito sobre a afirmação de que o clima na região amazônica está mudando?

Philip Fearnside – O clima na região realmente está mudando. Mas não apenas dela. A temperatura do planeta está mudando. Os dados deixam isso claro. Desde 1900, a temperatura subiu um grau, mundialmente. É importante lembrar que mais de 70% da superfície do planeta é composta de água. A média mundial é muito influenciada pelo que acontece nos oceanos. Mas o ar aquece muito mais facilmente do que a água. E a população humana está nas áreas onde o ar predomina. Por isso, regiões como Manaus, muito afastadas do mar, tem temperatura mais elevada do que outras localidades. O problema é que as previsões de aumento de temperatura para este século são muito maiores que um grau. Até o final deste século, a temperatura do planeta deverá subir quatro graus.

O acordo de Paris (conjunto de medidas de redução de emissão de dióxido de carbono a partir de 2020 negociado na COP-21, em dezembro de 2015) previa a redução em 1,5 graus.

EM TEMPO – Em Manaus, período de chuvas e de sol intenso eram bem definidos. Hoje, não ocorre mais tanta chuva no inverno e o verão é cada vez mais longo. Por que isso ocorre?

PF – Junto com esse aumento de temperatura está a mudança do regime das chuvas. Há dois fenômenos que alteram as chuvas na região e que possuem ligação direta com o aquecimento global. Um é o El Niño, que causa grandes secas na região, principalmente no Estado de Roraima, como a de 1997. O outro fenômeno é o aquecimento sobre o oceano Atlântico Tropical. Foi uma delas quem causou a grande seca de 2005 no Amazonas e no Acre, inclusive com incêndios. E essa água está esquentando porque há diminuição de poeira, vinda dos desertos, que formava uma espécie de capa protetora sobre a região. E com o aquecimento, há mais calor e mais chuvas. Está chovendo mais no mundo todo, não apenas aqui. E como é algo cíclico, cada vez há menos proteção, cada vez mais calor e cada vez mais chuvas. Em 2010, quando houve registro de uma das maiores secas da história, os dois fenômenos aconteceram. E é preciso se preocupar com os dois extremos: o aumento das cheias também é algo para ficar atento. Há também a perda de árvores durante as secas. Um ser vivo consome mais água quando está mais quente. E com as secas, há menos água e as árvores acabam morrendo.

EM TEMPO – No ano passado e início de 2016, Manaus ficou encoberta pela fumaça das queimadas. Esse parece ser um problema comum na região. O quanto esse problema afeta a região?

PF – Se somarmos a isso os incêndios aos fatores já mencionados, a perda de vegetação é considerável. Ao menos a morte natural das árvores gera aumento de CO² no ar, o que

é benéfico para a vegetação que acaba precisando menos de água. Mas as queimadas causam um dano irreparável. Aí, a vegetação morre definitivamente. E há outros processos de degradação, como o desmatamento que também está aumentando gradativamente. E como o desmatamento abre espaço dentro da floresta, ela fica mais vulnerável aos incêndios.

EM TEMPO - O senhor tem abordado a influência de fatores externos na Floresta Amazônica. E o inverso? O que acontece ao resto do meio ambiente com esses fenômenos ocorrendo na Amazônia?

PF - Uma das primeiras consequências é o aumento da emissão de gases que contribuem para o efeito estufa. Metade dos pesos das árvores é de carbono. Na sua decomposição, são liberados CO_2 , gás carbônico e metano, gases que aumentam o efeito estufa. Além disso, a floresta recicla água potável. A água daqui vai para São Paulo, enchendo os reservatórios de lá na época de chuvas. Se há menos chuvas aqui, há menos água transportada para lá. A atual crise hídrica paulista vem desse problema. E é algo a ser dito para quem defende que a terra amazônica seja transformada em pastagem.

EM TEMPO - Qual a sua avaliação do resultado da COP21? Foi satisfatório?

PF - Foi um grande avanço comparado ao que tínhamos antes, mas muito aquém do que realmente precisamos. É preciso traçar metas mais claras, ter compromisso dos países envolvidos para diminuir

uma quantidade determinada de toneladas de gás carbônico ao ano e as sanções, caso não seja possível cumprir a meta, não essa promessa vaga feita em Paris. Em todo caso, é preciso reconhecer o avanço. As autoridades se preocupam apenas com a quantidade de carbono que eles despejam e esquecem que há fenômenos naturais que causam perda e não são compensados. Você pode não ser responsável pelo despejo de carbono causado pelo El Niño, mas precisa compensar do mesmo jeito, porque ele fará falta. É algo espinhoso, mas tem de ser feito.

EM TEMPO - O que exatamente é o El Niño?

PF - El Niño é o aquecimento das águas dos mares. É energia que entra no oceano pelo aumento da temperatura do planeta e pelo aumento da incidência de energia solar. E essa energia não sai por causa da atmosfera, algo que não pode deixar de existir, já que é ela que torna a terra habitável. Para se ter ideia do efeito do ar na temperatura, na mesma latitude equatorial temos a Cordilheira dos Andes, que tem diferença de apenas 5 mil metros de altura para Manaus. Essa diferença em ar acima de nós é um dos principais fatores que explicam a diferença de temperatura entre lá e aqui. E, à medida que o ar vai esquentando, a temperatura aumenta. Hoje já temos picos de temperaturas de 40° em Manaus. Já imaginou chegarmos a 50° ? E essa é uma perspectiva real. E isso afeta diretamente a possibilidade da vida humana.

EM TEMPO - A matriz energética brasileira está baseada em derivados do petróleo. Qual a sua avaliação e a importância disso para o clima?

PF - É muito importante diversificar não apenas no Brasil, mas no mundo todo. É importante apostar em combustíveis menos poluentes como o etanol. O problema é que um dos maiores investimentos do governo brasileiro sobre essa questão são as barragens para hidrelétricas. Só que infelizmente essa saída não é boa. A morte da vegetação, em virtude da construção das barragens aumentam significativamente a emissão de gases como o CO_2 e o metano. Este possui impacto concentrado imediato para o aquecimento global. Enquanto uma molécula de CO_2 pode ficar até 10 anos no ar, uma molécula de metano fica menos tempo, mas com aquecimento maior. E o pior é que estão previstas cada vez mais barragens na Amazônia, com distribuição para locais cada vez mais distantes. Sendo que 20% dessa energia se perde na própria distribuição. Isso sem contar o desperdício. O Brasil é um dos únicos a utilizar energia no chuveiro elétrico, por exemplo. E isso consome 5% da energia gasta no país. Sobre a matriz energética brasileira, o Brasil tem muitas outras opções. O país é um dos mais sortudos do mundo com relação a recursos naturais. O litoral brasileiro possui extensão e ventos constantes. O potencial para utilizar energia eólica é enorme. Ela poderia suprir toda a demanda brasileira. Bastaria possuir matrizes auxiliares para uma eventual falha.